



DOSSIÊ "Georges Canguilhem, a história e os historiadores"

Entrevista com Jean-François Braunstein

Tiago Santos Almeida

Doutorando em História Social – USP

tiagoalmeida@usp.br

Marcos Camolezi

Doutorando em Filosofia – USP /

Univ. Paris 1 Panthéon-Sorbonne

marcos.camolezi@usp.br

Recebido em /Aprovado em : entrevista selecionada.

Como citar este artigo: Almeida, Tiago Santos e Camolezi, Marcos. "Entrevista com Jean-François Braunstein". *Intelligere, Revista de História Intelectual*, São Paulo, v. 2, n. 1 [2], p. 156-171. 2016. Disponível em <<http://revistas.usp.br/revistaintelligere>>. Acesso em dd/mm/aaaa.

Jean-François Braunstein é professor titular de filosofia na *Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne*, pesquisador junto ao laboratório *EXeCO (Expérience et Connaissance)*. Historiador do pensamento médico e da filosofia francesa dos séculos XIX e XX, Braunstein é um dos principais estudiosos, em âmbito mundial, sobre a epistemologia histórica. Possui diversas publicações sobre a obra de Georges Canguilhem – incluindo a codireção do primeiro tomo das suas *Œuvres Complètes*. Também editou os livros *Canguilhem, histoire des sciences et politique du vivant* e, em parceria com François Bing e Élisabeth Roudinesco, o livro *Actualité de Georges Canguilhem* (prêmio de melhor obra coletiva em psiquiatria do 7º *Salon international de psychiatrie et système nerveux central*).

Também merecem destaque os livros *Broussais et le matérialisme* (prêmio da Société française d'histoire de la médecine) e *La philosophie de la médecine d'Auguste Comte*. Em 2017, a editora Liber Ars publicará o primeiro livro de Jean-François Braunstein no Brasil, a coletânea *Da medicina às ciências humanas*.

Essa entrevista foi realizada no dia 4 de junho de 2015*, na sala do *Centre d'Histoire des Systèmes de Pensée Moderne* da *Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne*. Nela, Jean-François Braunstein conta-nos sua trajetória, de Broussais e Auguste Comte ao pensamento médico contemporâneo. Deixa-se refletir a propósito da história da filosofia "tradicional", do significado e da relevância da epistemologia histórica, e dos descaminhos que marcam o fim da história da medicina na França. Explicando o que entende por *estilo* em história das ciências, procura dar destaque à atitude criadora dos grandes autores, em lugar de simplesmente adorar suas obras. Assim, também coloca questões a respeito do perfil da massa de trabalhos publicados nos últimos anos sobre Foucault.

Temos o prazer de apresentar, num dossiê dedicado a Georges Canguilhem, a primeira parte desta conversa, cuja continuação será publicada no próximo número de *Intelligere*, Revista de História Intelectual.

* Os dois entrevistadores agradecem à FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo pela concessão das bolsas que permitiram que realizassem, entre 2014 e 2015, estágios de pesquisa sob a supervisão do professor Jean-François Braunstein junto ao *Centre de Philosophie Contemporaine* da *Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne*.

Tiago Santos Almeida e Marcos Camolezi: *Filósofo de formação, como o senhor chegou à história da medicina?*

Jean-François Braunstein: Comecei como historiador da filosofia puro e simples, se assim posso dizer. Mas isso fazia parte de um mundo circunscrito: era o mundo da história do materialismo. Eu trabalhava com alguém que fazia parte desse espaço [CHSPM, *Centre d'histoire des systèmes de pensée moderne*], Olivier Bloch, e pesquisava justamente sobre a história do materialismo. Nessa época, ocorreu-me que o principal autor que representava o materialismo na França era Broussais, que criticava tanto a ontologia filosófica quanto a ontologia médica¹. Assim, comecei com trabalhos sobre a história do materialismo, porém muito rapidamente notei que não tinha me deparado com Broussais por acaso. De fato, é um autor completamente central em *O normal e o patológico*, de Georges Canguilhem, e no *Nascimento da clínica*, de Michel Foucault. Ele permitia melhor compreender as teses de Canguilhem e de Foucault, e eventualmente completá-las, na medida em que o sucesso das teses de Broussais e sua própria originalidade também provinham de seu lado filosófico. Quando Canguilhem, Foucault ou Erwin Ackerknecht, os historiadores da medicina clássica, falam da Escola médica de Paris, eles falam muito pouco ou relativamente pouco da filosofia dessa escola médica. Ora, pareceu-me que havia um interesse propriamente filosófico na obra de Broussais.

Foi assim que me interessei, em seguida, pela história da medicina, pela história da psiquiatria, e me voltei para as obras de Canguilhem, Foucault, Bachelard etc. Por outro lado, eu diria que havia também uma tradição na universidade francesa nessa época que ainda estava no rastro de Canguilhem. Penso, por exemplo, em alguém como François Dagognet, um personagem bem fascinante por sua curiosidade universal, pelos campos que ele abria, mas que também era um personagem bem complicado, com quem eu de fato não trabalhei, mas com quem cruzei muitas vezes. Eis de modo geral o ponto de partida: é a história do materialismo – mas, ao mesmo tempo, a história da filosofia é entediante. “É preciso fazer alguma coisa diferente”, eu disse a mim mesmo, me servindo da fórmula canguilhemiana “toda matéria estrangeira é boa”². Logo, foi a história das ciências que me interessou para tentar refletir enquanto filósofo sobre uma matéria estrangeira.

T.S.A. e M.C.: *E como o senhor chegou a Auguste Comte?*

Jean-François Braunstein: Porque eu gosto dos loucos, talvez? E porque eu gosto de personagens muito paradoxais... Eu o conhecia como todos, como um historiador das ciências clássico, mas rapidamente me dei conta de que havia uma parte da obra de Auguste Comte que era inteiramente ignorada, inclusive por Canguilhem e por outros. Era o aspecto médico, a medicina de Auguste Comte³. Isso colocou-me em seguida no caminho da segunda filosofia de Comte, que é efetivamente religiosa, sintética, como ele diz, subjetiva⁴. Reli todos os trabalhos de Comte que ninguém mais lia há muito

1 Ver J.-F. Braunstein, *Broussais et le matérialisme. Médecine et philosophie au XIXe siècle* (Paris: Méridiens-Klincksieck, 1986).

2 Trata-se de uma das frases mais emblemáticas de Georges Canguilhem, *Le normal et le pathologique*. (Paris: Puf, 1966), 7: “A filosofia é uma reflexão para a qual toda matéria estrangeira é boa e, diríamos de bom grado, para a qual toda boa matéria deve ser estrangeira.”

3 J.-F. Braunstein, *La philosophie de la médecine d'Auguste Comte. Vierge Mère, vaches folles et morts vivants*. Collection Science, histoire et société (Paris: Puf, 2009), 256. Cf. também J.-F. Braunstein, “Auguste Comte et la psychiatrie,” *Les cahiers du Centre Georges Canguilhem*, 2 (2008/1): 259-282.

4 J.-F. Braunstein, “La religion des morts-vivants. Le culte des morts chez Auguste Comte,” *Revue des sciences philosophiques et théologiques*, [vol.] 87, (2003/1): 59-73.

tempo e eles me interessaram, em particular porque Comte, digamos, é o próprio século XIX. Há realmente em Comte a dupla tendência do século XIX: as ciências mais rigorosas, mais puras, o politécnico, o matemático, toda uma filosofia baseada sobre isso, e que tem uma enorme importância na constituição da república, da laicidade, da escola. Por outro lado, há a face do fundador de religião, delirante. E isso é muito frequente. Por exemplo, para Fechner vale exatamente o mesmo princípio. Gustav Fechner é o mais científico dos psicólogos e, além disso, o mais delirante dos psicólogos. Ele escreveu um número de livros sobre a alma das plantas, sobre Zend Avesta, e isso me fascina bastante. Sobre essas questões há um belíssimo livro, *As três culturas*⁵, em que Wolf Lepenies mostra que a dificuldade de fundar as ciências humanas no século XIX deve-se ao fato de que elas estão *entre* as ciências e as humanidades, as ciências físicas e as humanidades literárias. É em parte por isso que os que tentam fundar as ciências humanas se fragmentam, de certa maneira.

Desse ponto de vista, portanto, interessei-me também pela história das ciências humanas e de suas relações com a medicina, com a psicologia e com a filosofia. No fundo, é isso que me interessava no já velho livro que coescrevi sobre a *História da psicologia*⁶. Como velhas questões filosóficas são retomadas, tratadas e se transformam em novas disciplinas, as ciências humanas, e como a medicina, a fisiologia ou teoria do cérebro intervêm como elemento de transformação desses problemas? De modo geral, a ideia é que os problemas continuam de certo modo, como a questão da alma e do corpo, mas mudam completamente e radicalmente: o cérebro e o corpo antes da alma e do corpo, o físico e o moral antes da questão do monismo e assim por diante⁷. É esse o ponto de partida.

Então, por que Comte? Para a grande glória do Brasil, se quiserem [risos]... Em princípio, é preciso desconfiar, evidentemente. Comte tem uma péssima reputação: dizem que se trata ou de um positivismo raso, ou de um doido, um enfurecido a evitar. Já eu penso que se trata de um autor bastante interessante para quem conseguir transpor seu estilo complicado e o caráter delirante de sua religião. É um personagem surpreendente. Escrevi sobre todos os aspectos mais delirantes de Comte, como as “utopias positivas”, e que são aspectos muito perturbadores, porque tudo de que ele fala, o futuro humano, a fecundação artificial, as vacas loucas, a longevidade, o cérebro, são de fato temas muito presentes. Fiquei um pouco mais tranquilizado quando vi que Michel Houellebecq tinha lido Comte, e Lévi-Strauss também⁸. Pois é verdade que são coisas muito fascinantes. Penso que Comte seja um personagem louco de certo modo, mas ele não é de modo algum ultrapassado. É um personagem pós-moderno, na minha visão. No livro *Comte after positivism*⁹, ele chega a aparecer como uma espécie de Richard Rorty melhorado, o que não acho um absurdo. Há algo muito interessante nele, e que

5 W. Lepenies, *Die drei Kulturen : Soziologie zwischen Literatur und Wissenschaft* (München: Hanser, 1985). Para a tradução francesa, ver W. Lepenies, *Les trois cultures: entre science et littérature, l'avènement de la sociologie*, trad., ed. Henri Plard (Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'homme, 1990), 408. Para a tradução brasileira, ver W. Lepenies, *A três culturas*, trad., ed. Maria Clara Cescato (São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo Edusp, 1996).

6 J.-F. Braunstein e E. Pewzner, *Histoire de la psychologie* (Paris: Armand Colin, 1999) 191. Para a tradução portuguesa, ver J.-F. Braunstein e E. Pewzner, *História da psicologia*, trad., ed. A. Emílio (Lisboa: Instituto Piaget, 2003).

7 J.-F. Braunstein “Antipsychologisme et philosophie du cerveau chez Auguste Comte,” *Revue Internationale de Philosophie*, [vol.] 52, 203 (1998): 7-28. Para a tradução brasileira, ver do mesmo autor “Antipsicologismo e filosofia do cérebro em Auguste Comte,” in *Da medicina às ciências humanas*, org., trad. e introduzido por Tiago Almeida e Marcos Camolezi. Prefácio de Jean-François Braunstein (São Paulo: LiberArs, 2017), no prelo.

8 Ver o prefácio de Michel Houellebecq a *Auguste Comte aujourd'hui*. Colloque de Cerisy, 3-10 juillet 2001, ed. M. Bourdeau J.-F. Braunstein e A. Petit (Paris: Kimé, 2003), 321. Quanto a Lévi-Strauss leitor de Comte, ver em particular o capítulo “Le temps retrouvé,” in *La pensée sauvage*. Édition Pocket (Paris: Plon, 1962), 262-264 (para a edição brasileira, Claude Lévi-Strauss, *O pensamento selvagem*, trad., ed. Tânia Pellegrini. 8ª ed. (São Paulo: Papirus, 2008), 244-246.

9 R. C. Scharff., *Comte after positivism* (Cambridge, New York: Cambridge University Press, 1995).

não é, eu diria, o velhote, o fundador da filosofia das ciências, que é seguramente importante para a história das ciências.

É bem verdade que, se falamos em um diário da história das ciências, a disciplina foi inventada, requisitada, fundada por Comte e por seus discípulos. Mas penso que, até um período muito recente, as problemáticas de Comte no domínio da história das ciências ainda são válidas. Sobretudo, a questão da relação da ciência com a política, a questão da unidade ou da diversidade das ciências e a questão do progresso ou não das ciências são questões que tem um ar de resolvidas mas que ainda estão presentes pelo menos até Canguilhem, talvez mesmo até Foucault. Eu diria mesmo que elas estão presentes de modo quase institucional. Outro dia vocês foram ao apartamento de Auguste Comte: ele está lá como em seu primeiro dia. E quando o *Institut d'histoire des sciences* ainda existia sob sua forma antiga, lá havia um quadro de Abel Rey¹⁰. Portanto, de certa maneira, não estamos tão distantes assim.

T.S.A. e M.C.: *Na segunda metade do século XX, ao lado da filosofia do sujeito – para retomar a expressão de Foucault – e da revolução culturalista, a epistemologia histórica parecia uma ocupação de velhos, um assunto fora de moda. Qual é a situação da epistemologia histórica hoje?*

Jean-François Braunstein: Antes de mais nada, é preciso que nos entendamos sobre o que chamamos de epistemologia histórica. São os trabalhos de vocês que vão precisar o que ela é. Trata-se apenas de uma abordagem filosófica muito geral da história das ciências, ou ela permite ir mais longe? De início, parece-me que ela permite ultrapassar o velho debate verdade *versus* história ou filosofia do conhecimento *versus* história dos conhecimentos. De acordo com a ideia da epistemologia histórica tal como a praticava Canguilhem, seus predecessores e sucessores, é preciso ter uma história dos conceitos que não seja uma relativização universal dos conceitos¹¹. É possível haver conceitos que evoluem no tempo, e isso não implica uma crítica ao racionalismo, não é um relativismo, um nietzschianismo, um puro historicismo. Penso que seja de fato possível estudar a história dos conceitos científicos de uma maneira que não os faça desvanecer. Isso existe e tem uma coerência. Recusando a ideia de precursor¹², Canguilhem procura mostrar que é efetivamente possível fazer a história de um sistema de pensamento. “História dos sistemas de pensamento” é o título da cadeira de Foucault [no *Collège de France*], “Filosofia e história dos conceitos científicos” é o título da cadeira de Hacking¹³. Portanto, penso que se possa fazer história sem por isso relativizar o conhecimento. Trata-se de uma teoria que é efetivamente histórica e crítica.

Quanto à relação da história das ciências com a sociedade, eu diria que a abordagem de Canguilhem e de outros é relativamente interessante. Há evidentemente um peso da sociedade ou da cultura sobre a ciência. As ciências estão nas suas épocas, mas, ao mesmo tempo, elas não se reduzem a isso. Desse ponto de vista, há, portanto, uma crítica dos *science and technology studies* ou da ideia de uma “sociologização” das

10 J.-F. Braunstein, “Abel Rey et les débuts de l’Institut d’histoire des sciences et des techniques,” in M. Bitbol e J. Gayon, *L’épistémologie française* (Paris: Éditions Matériologiques, 2015), 165-182.

11 J.-F. Braunstein, “Die Geschichte des Regionsbegriff in der Epistemologie,” in A. Deuber-Mankowsky e C. Holzhey, *Situiertes Wissen und regionale Epistemologie. Zur Aktualität Georges Canguilhems und Donna J. Haraways* (Wien/Berlin: Turia + Kant, 2013), 35-49.

12 Georges Canguilhem, “L’objet de l’histoire des sciences,” in *Études d’histoire et philosophie des sciences*. 7^e éd. (Paris: Vrin, 2002), 20-23. Como comentário a essa crítica do precursor, ver J.-F. Braunstein, “Bachelard, Canguilhem, Foucault. Le ‘style français’ en épistémologie,” in *Les philosophes et la science*, ed. P. Wagner (Paris: Gallimard, 2002), 939-940.

13 Ian Hacking ocupou a cadeira de “Filosofia e história dos conceitos científicos” de 2000 a 2006 no Collège de France. Ele foi o primeiro estrangeiro a ter uma cadeira nessa instituição.

ciências. As ciências são ligadas à sociedade, e todavia elas não são o puro resultado da sociedade. Embora muito mal conhecidos na França, os trabalhos de Ludwik Fleck são extremamente interessantes a esse respeito¹⁴. Do ponto de vista das relações entre ciência e sociedade, a história da medicina é um caso exemplar. Nas *Journées d'études Épistémologie Historique*¹⁵ que realizamos na Sorbonne, houve discussões sobre a história das matemáticas e da lógica. Nessas discussões, as relações entre essas ciências e a sociedade são menos evidentes, mas a história da medicina é efetivamente cultural e científica. Ela é as duas coisas ao mesmo tempo.

Por outro lado, quanto à questão da filosofia do sujeito ou da filosofia sem sujeito, penso que a epistemologia histórica não dê resposta a essa questão. É evidente que em Canguilhem e em Foucault há a vontade de afirmar que se pode fazer uma filosofia sem sujeito que não seja uma filosofia da inação ou da colaboração. Pode-se agir no mundo sem a necessidade de fazer referência à noção de sujeito. Mas, evidentemente, isso é algo bastante complexo. É um argumento de fato: pode-se fazê-lo, já que Cavallès o fez – Cavallès era espinosista e lógico, mas foi Resistente¹⁶, logo pode-se ter uma filosofia, digamos assim, mais ou menos espinosista, a filosofia de um lógico e, todavia, agir. Então, eu diria que, em todo caso, isso previne contra a ideia de um sujeito onipresente, contra as histórias da psicologia ou mesmo contra as histórias da bioética, em que se poderia recorrer a uma noção preeminente de sujeito. Não! Pode-se fazer a história das ciências do homem sem a necessidade de invocar uma noção de sujeito.

Entretanto, isso não tem maior relação com a epistemologia histórica. É muito possível fazer epistemologia histórica e fazer como Pasteur: retirar seu jaleco de laboratório e em seguida se transformar em crente... Não estou seguro de que as duas coisas estejam forçosamente ligadas. Ocorre que, nesta tradição, as duas estiveram ligadas, em razão de aspectos institucionais, políticos, sociais. Penso que não se deve subestimar o peso das instituições de pesquisa e das tradições de pesquisa neste domínio. Se tomarmos o exemplo de Canguilhem, por que é que ele quase não cita mais Bergson, ao passo que cita Comte em seu lugar? Penso que seja também porque ele se tornou diretor do *Institut d'histoire des sciences*: o diretor do *Institut d'histoire des sciences* não cita Bergson como se não houvesse problema algum. E isso não é inteiramente absurdo. De fato, o que se ouve falar de Bergson em uma certa época, é o bergsonismo como uma crítica de tendência irracionalista. Aspectos como esses são bastante pertinentes.

Em todo caso, não há uso preciso da epistemologia histórica no debate da filosofia do sujeito ou da filosofia sem sujeito. Em contrapartida, do lado do debate culturalista ou do debate ciência e sociedade, essas questões são muito antigas e já são debatidas há bastante tempo – por que não por Auguste Comte? Comte é o primeiro autor dos *science and technology studies*, o primeiro que se pergunta “mas por que esta

14 Em particular, ver Ludwik Fleck, *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*, trad., ed. Georg Otte e Mariana Camilo de Oliveira (Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010).

15 As *Journées d'études Épistémologie Historique: commencements et enjeux actuels* aconteceram entre os dias 21 e 23 de maio de 2015 e reuniram em Paris dezenas de jovens pesquisadores, doutorandos e pós-doutorandos, de diferentes formações e países. A segunda versão do encontro, novamente com o apoio da Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne, aconteceu entre os dias 19 e 21 de maio desse ano, e teve como tema *Épistémologie Historique: une histoire du présent*.

16 Jean Cavallès juntou-se à Resistência Francesa contra a ocupação nazista já em 1939. Foi membro do comitê diretor do movimento Libération-Nord e chefe da rede de inteligência Phalanx ZO (Cohors). Preso em agosto de 1943, foi condenado e executado pelos nazistas em 17 de fevereiro de 1944. Quando juntou-se à Resistência, Cavallès decidiu deixar seu posto de professor na Université de Strasbourg e Canguilhem foi chamado para ocupar sua vaga. Pouco mais tarde, Canguilhem também engajou-se no combate aos nazistas, assumindo as responsabilidades de Médico Tenente e Chefe do Estado-Maior político da Resistência.

disciplina toma tal sentido e não outro, por que a astronomia liga-se a tal ou tal prática comercial ou de navegação?”

T.S.A. e M.C.: *Atualmente, o Max-Planck-Institut für Wissenschaftsgeschichte formou um lar alemão da epistemologia histórica, que se consolidou com Lorraine Daston (que na verdade é estadunidense, mas está radicada em Berlim) e Hans-Jörg Rheinberger. No Canadá e nos Estados Unidos, Ian Hacking e Arnold Davidson também reivindicam a epistemologia histórica. Trata-se de uma recepção do estilo francês ou de novos estilos da epistemologia histórica?*

Jean-François Braunstein: É a questão sobre o que hoje chamamos quase classicamente epistemologia histórica *old school* e *new school*¹⁷. Do ponto de vista histórico – já que é este ponto de vista que me interessa –, parece-me com bastante clareza que esses autores não leram diretamente Bachelard ou Canguilhem. Penso que se trate de uma redescoberta independente, principalmente em torno de Hacking e em seguida de Davidson, Daston etc. Muito rapidamente, porém, eles se deram conta de que, efetivamente, havia coisas parecidas em autores que eles conheciam mais ou menos diretamente, em particular Canguilhem. Mas as duas correntes são de certo modo diferentes. Poderíamos dizer que a segunda tem uma tendência mais histórica, enquanto a primeira tem uma tendência mais filosófica. Também há questões institucionais: hoje a corrente é florescente na Alemanha, mas nos países anglo-saxões ela é muito mais tímida. Na França, são os estrangeiros como vocês que vêm revitalizar esta corrente.

No fundo, porém, há uma inspiração comum. Contrariamente ao que diz Yves Gingras em seu artigo famoso e muito engraçado, não se trata apenas de uma marca¹⁸. Alguma coisa se passa efetivamente, já que se quer fazer a história, a história da “formação, da deformação, da retificação”, como dizia Canguilhem, dos conceitos científicos sem nem por isso chegar ao puro relativismo. Por exemplo, o *Objectivity*¹⁹ de Daston e Galison poderia muito bem ser um livro escrito por Canguilhem. É o mesmo gênero de problemática. Trata-se de ver como noções metateóricas, meta epistemológicas, digamos, como a objetividade, são noções que têm uma história. Isso não impede que haja, de fato, algo como uma marcha rumo à objetividade, uma objetividade aproximada, expressa por todas as metáforas de Bachelard em torno do conhecimento aproximado, da exatidão aumentada etc. Isso está presente na epistemologia histórica *old* e *new school*.

Em contrapartida, é verdade que a ligação entre as duas não é direta, e são jovens pesquisadores como vocês que se colocam a questão de saber se há ou não uma relação entre elas. Eu diria que a interrupção brutal na França é uma verdadeira questão. Por que não há mais epistemologia histórica na França, à parte um ou dois sobreviventes isolados, como François Delaporte ou pessoas mais jovens como Pierre-Henri Castel? A princípio, porque Canguilhem foi, no fundo, fagocitado pelos althusserianos²⁰. Por conseguinte, acreditou-se que Canguilhem era apenas um althusseriano dentre outros, ou uma espécie de marxista, o que é evidentemente

17 J.-F. Braunstein, “Historical Epistemology, Old and New,” in *Epistemology and History. From Bachelard and Canguilhem to Today's History of Science*, ed. J.-F. Braunstein, e H. Schmidgen e P. Schöttler (Preprints of the Max Planck Institut für Wissenschaftsgeschichte, 2012), 33-40.

18 Y. Gingras, “Naming without necessity. On the genealogy and uses of the label 'historical epistemology'”, *Revue de synthèse*, [vol.] 131, 3 (2010): 439-454.

19 L. Daston e P. Galison, *Objectivity* (New York: Zone Books, 2007), 50. Para a tradução francesa, ver L. Daston et P. Galison, *Objectivité*, trad., ed. Sophie Renaut et Hélène Quiniou (Dijon: Les presses du réel, 2012).

20 Notadamente por Dominique Lecourt, Pierre Macherey e Étienne Balibar. Ver D. Lecourt, *Pour une critique de l'épistémologie (Bachelard, Canguilhem, Foucault)* (Paris: Maspero, 1974).

absurdo, inteiramente contrário às próprias ideias de Canguilhem. Além disso, há o lado provinciano da França. No momento em que as filosofias analíticas da ciência começavam a se esmigalhar e até mesmo a desaparecer nos Estados Unidos, nós aqui dissemos: “é preciso absolutamente importá-las na França”. Logo, tentou-se erradicar a história das ciências à francesa dos estabelecimentos em que ela era praticada. É bastante curioso e irônico de ver: no mesmo momento em que a epistemologia tornava-se histórica novamente em toda parte do mundo, na França ela não deveria mais fazer história das ciências. Lembro-me de uma anedota da época em que eu ainda estava no *Institut d'histoire des sciences...* Eu tinha ido falar de Canguilhem na *London School of Economics*, e quando voltei me disseram: “Você não tem vergonha de dar essa imagem do *Institut d'histoire des sciences*? Nós teremos ar de quê no exterior se pensarem que ainda pesquisamos Canguilhem?”. Ao passo que era evidentemente o que as pessoas da *London School of Economics* queriam...

Enfim, é uma verdadeira questão. Vocês viram nas *Journées d'études Épistémologie Historique* um jovem biólogo que dizia que gostaria de trabalhar com a epistemologia histórica. Sua exposição era inteiramente interessante, mas, quando ele conta seu interesse pela epistemologia histórica em bancas de exame para obter um posto acadêmico, não é fácil para ele. Isso vai mudar, mas sempre há um pequeno descompasso.

T.S.A. e M.C.: *O senhor se interessa há muitos anos pela noção de estilo francês. Pode nos falar um pouco disso?*

Jean-François Braunstein: A noção de estilo agora é muito difundida na história das ciências, sobretudo a partir de Alistair Crombie e Ian Hacking. Retornando, ela vai remontar até Ludwik Fleck. Servem-se dela principalmente para falar de estilo probabilista, estilo comparatista, portanto, para aplicá-la a domínios precisos da história das ciências. Hacking o fez de maneira notável sobre as probabilidades²¹, Crombie sobre diferentes métodos de pesquisa²², e também seria possível dizer que Auguste Comte fez a mesma coisa, já que a lista de estilos de Crombie corresponde quase exatamente à lista dos métodos de pesquisa de Auguste Comte. É um ponto muito importante: a ideia de que novos estilos de raciocínio aparecem por ocasião de novos objetos e que é a partir disso que esses estilos vão poder eventualmente se difundir. Trata-se de uma noção que permite compreender a emergência. Por exemplo, para saber o que é a observação, e se se quer tratar a questão metodológica da observação, Auguste Comte explica que é preciso inicialmente prestar atenção ao que se passa na astronomia. Isso permite, então, compreender a uma só vez a *emergência* e a *remanência* do estilo. Há páginas famosas de Fleck sobre o estilo de pensamento astrológico que sobrevive ainda na sífilis no século XX, que não desaparece completamente, mas vai ser limitado ou vai ser transportado em dimensões populares²³. É, portanto, a ideia de uma continuidade.

Quanto ao que fiz, tentei empregar essa expressão a propósito somente do que se chamava em geral de *french network*, *french debate*, *french school*, em inglês, já que eram sobretudo historiadores estrangeiros que falavam disso. Isso me parece bastante eficaz, na medida em que há evidentemente um ar de família. Há um livro realmente

21 I. Hacking, *L'émergence de la probabilité*, trad., ed. Michel Dufour (Paris: Seuil, 2002).

22 A. Crombie, *Styles of Scientific Thinking in the European Tradition: The History of Argument and Explanation Especially in the Mathematical and Biomedical Sciences and Arts*, 3 vols. (London: Gerald Duckworth, 1994).

23 Para o desenvolvimento dessa ideia, ver J.-F. Braunstein, “Thomas Kuhn lecteur de Ludwik Fleck,” *Archives de philosophie*, [vol.] 66, 3 (2003).

surpreendente de Pietro Redondi, *The history of science : the french debat*²⁴, publicado na Índia. De longe, da Índia, vê-se alguma coisa de comum entre todos esses autores: história filosófica, história crítica, história dos conceitos etc. Do exterior, vê-se bem as semelhanças. Há outras que são mais sutis, como o caráter detalhado e preciso desses estudos. É isso que se propõe aos usos mais fascinantes. Se vocês fizessem um curso de Canguilhem, de Dagognet ou eventualmente meu, *mutatis mutandis*, as pessoas tentavam cultivar-se em assuntos precisos, relativamente detalhados, ao passo que se vocês lerem um manual de filosofia das ciências *standard*, analítica se eu puder dizer, vocês jamais verão a ciência botar suas mangas de fora. Aí não se vê nada do que se passa nas ciências. Talvez falte o nível intermediário: ou é muito detalhado ou muito geral. Mas é fascinante ver em Canguilhem coisas muito detalhadas como a patologia da tireoide no século XIX, os monstros; isso se vê de maneira ainda mais incrível em Dagognet, que se interessa por microquestões, como a pele, tal ou tal órgão, tal ou tal aspecto da psicologia, da psiquiatria, das dejeções etc. É uma epistemologia que, como ponto comum, se interessa *efetivamente* pelas ciências.

Os historiadores das ciências que se reclamam desse estilo francês são, portanto, curiosos pelas ciências. Lembro-me da última entrevista de Hacking, profundamente interessante, em que ele responde à questão “como você próprio definiria sua obra filosófica?”. O que é engraçado é que Hacking diz algo que será censurado no boletim do *Collège de France*. Mas, ele recebeu um prêmio na Noruega extremamente famoso, o *Prêmio Holberg*²⁵, que é uma espécie de Nobel da filosofia, e nesta ocasião lhe colocaram a mesma questão. Ele diz algo como “bem, eu gosto muito dos seus filmes, em particular dos filmes pornô *soft*”, filmes eróticos, dentre os quais um filme sueco que teve um sucesso colossal entre os anos 1960 e 1970 que se chamava *I Am Curious*²⁶. E Hacking diz que “se eu quisesse definir o que é minha obra, eu diria também que sou curioso”. Trata-se de um ponto comum. Hacking dizia igualmente que Foucault era um *fact-lover*²⁷. Tratam-se, então, de amantes de curiosidades, de “*curiosos*”. O próprio Hacking escreveu sobre assuntos muito estranhos. Há uma curiosidade pelo diverso, pelo variado, uma curiosidade pelas ciências, pelas técnicas, pela medicina em suas particularidades. Eis o ar de família, se assim pudermos dizer.

Há também comunidades de formação, autores de referência, livros mais ou menos paradigmáticos. Mas o que permite a ideia de estilo, é que há estilos muito diferentes. Por trás dessa semelhança há evidentemente diferenças. Não é de modo algum a mesma coisa ler Abel Rey, Bachelard, Foucault, Hacking etc. Cada um tem seu estilo próprio, que se apoia sobre as ciências que cada um estuda. Bachelard é muito mais, digamos, pelo progresso, porque ele se interessa pela física matemática; Canguilhem é muito mais dubitativo porque ele se interessa pela história da medicina e pela história da biologia, que não conhecem o mesmo tipo de revoluções. Ademais, há aspectos idiossincráticos. Não é a mesma coisa escrever como Bachelard – que é um aluno da república do progresso, um bolsista, de certa maneira um personagem extremamente progressista no velho sentido do termo, mesmo que ele seja próximo dos surrealistas sob certos aspectos – ou ter uma obra como a de Foucault, que é muito mais influenciada por Nietzsche do que por Abel Rey ou Auguste Comte. Isso é claro e evidente. Mas me parece que há, contudo, um certo número de pontos comuns: pontos comuns e divergentes.

24 P. Redondi e P. V. Pillai, *The History of Sciences: the French Debate* (London: Sangam, 1989).

25 Ian Hacking foi vencedor do Prêmio Holberg em 2009.

26 Tratam-se de dois filmes suecos intitulados *I Am Curious (Yellow)* (*Jag är nyfiken - en film i gult*) e *I Am Curious (Blue)* (*Jag är nyfiken - en film i blått*), realizados em 1967 e 1968 por Vilgot Sjöman.

27 I. Hacking, *Historical Ontology* (Cambridge: Harvard University Press, 2002).

Foi levando isso em conta que empreguei essa noção de estilo²⁸, já que se pode dizer que há o estilo barroco e ao mesmo tempo há tais e tais autores que singularizam esse estilo. Talvez eu pudesse ter falado de ar de família, embora se trate de uma família bastante desunida e que parte em todos os sentidos. A ideia que eu queria criticar, é a ideia de uma Escola Francesa, de uma tradição francesa, porque isso não funciona. Se observarmos as dedicatórias das teses, iremos de Foucault a Canguilhem, de Canguilhem a Bachelard, de Bachelard a Abel Rey: cada um dedica sua tese a seu orientador, e em seguida remontamos até Renan. Portanto, se formos de Foucault a Renan, não há evidentemente uma linhagem, uma tradição, uma família. Não há uma escola, uma instituição, não há uma tradição.

Se tomarmos o caso de Canguilhem, por exemplo, ele escreveu um terço de sua obra aproximadamente, até mais, sem estar de modo algum na posição de um discípulo de Bachelard. Ele mal cita Bachelard; ele o conhece, mas ele próprio não se apresenta como seu discípulo. É mais tarde que, refletindo sobre sua própria trajetória, ele vai dizer que, no fundo, Bachelard lhe dá as chaves para fazer história das ciências. Mas esse não é seu ponto de partida. Da mesma maneira, Foucault evidentemente não é um aluno de Canguilhem. Seria totalmente ridículo dizê-lo. Entretanto, pareceria ao mesmo tempo ridículo dizer que Foucault não é, em certo sentido, um historiador das ciências. Façamos uma experiência de pensamento: Foucault morre após *Nascimento da clínica* – mas, veja bem, diríamos simplesmente, então, que se trata de um dos mais brilhantes alunos de Canguilhem! No entanto, não é bem assim que essa trama vai se desenrolar. Há já uma questão de estilo. O estilo de *Nascimento da clínica* não é o de *O normal e o patológico*, e este não é o estilo de Comte. Quando digo “ar de família”, quero dizer que é preciso escutar o tom desses autores.

Para mim, o exemplo mais evidente continua sendo o de Foucault. Hoje, há muitos de meus colegas e jovens estudantes que dizem “Foucault é um grande filósofo, é preciso fazer cursos sobre o sistema de Foucault, é preciso estudá-lo para a agregação²⁹ etc.” Não, isso não é possível. É absurdo, se não escutarmos o estilo particular de Foucault, sua recusa dessa sistematização, sua recusa dos grandes autores, das grandes obras. É puramente absurdo. Vejo aprovarem algumas teses nesse sentido, “O sistema de Foucault em torno disso ou daquilo”, mas é simplesmente absurdo. De fato, ensinar Foucault é não fazer dele apenas um grande autor como os outros, que entrou na Sorbonne como todo mundo e que causa tédio em todo mundo mais ou menos como os demais. É o que tentei fazer com o *Séminaire Foucault* que inaugurei aqui há alguns anos. O mesmo vale para Canguilhem. Se pensarmos que Canguilhem é apenas um historiador das ciências, não compreenderemos o tom de seus artigos sobre a psicologia, sobre o cérebro, sobre o meio³⁰. Ele está muito irritado, ele está enfurecido: está em guerra contra o determinismo. É verdade que essa atitude tem um aspecto bastante clássico entre os intelectuais franceses laureados. Por exemplo,

28 Ver J.-F. Braunstein, “Introduction,” in *L’histoire des sciences. Méthodes, styles et controverses* (Paris: Vrin, 2008), 7-20.

29 A *agrégation* é um concurso nacional anual para recrutamento de professores de liceu na França. Trata-se de um concurso particularmente tradicional e competitivo, que coroa a formação básica no ensino superior (geralmente, os cinco primeiros anos) dos estudantes franceses que pretendem se consolidar na carreira de ensino e pesquisa em Filosofia. A inclusão de um título na bibliografia da agregação representa a promoção de seu autor aos cânons da universidade. Ela significa também que as obras desse autor passam a compor a matéria da última etapa de classificação e normalização prevista na trajetória de um estudante de filosofia, que ou será *agregado* ao corpo profissional de docentes ou conviverá com a marca da recusa. Michel Foucault precisou de uma segunda tentativa para ser aprovado. N.B.: *A arqueologia do saber*, de Foucault, participa da bibliografia do programa da agregação em filosofia de 2017.

30 J.-F. Braunstein, “La critique canguilhemienne de la Psychologie,” in *Bulletin de psychologie*, [vol.] 52 (2), 400, mars-avril (1999) : 181-190. Ver também outras edições, como em *Estudos e pesquisas em Psicologia*, [vol.] 4, 2 (2004): 6-23. E em *Questions d’orientation*, [vol.] 76, 1, jan.-mars (2013): 9-24. Para as questões concernentes à crítica do conceito de meio, ver J.-F. Braunstein, “Psychologie et milieu. Éthique et histoire des sciences chez Georges Canguilhem,” in *Canguilhem, histoire des sciences et politique du vivant* (Paris: Puf, 2007), 63-89.

Bourdieu e Foucault estão no cume da instituição e ao mesmo tempo criticam efetivamente a instituição. Seria possível colocar a mesma questão para Koyré, Meyerson etc, que são de certa maneira *outsiders*. Mas é isso que eu queria dizer com estilo. Basta ir para o exterior. Em qualquer livro de história e filosofia das ciências publicado fora da França, fala-se de um *french debate*. Há um estilo comum, mas há, ao mesmo tempo, personalidades e obras extremamente diferentes.

T.S.A. e M.C.: *Michel Foucault foi, sem dúvida, aquele quem mais contribuiu para a divulgação da epistemologia histórica na grande cena dos intelectuais. Ao mesmo tempo, como o senhor sublinhou, há uma distância que não se pode negligenciar entre Foucault e Canguilhem, assim como entre Canguilhem e Bachelard. O senhor pode se alongar um pouco sobre esse problema?*

Jean-François Braunstein: Há alguns anos dei um curso sobre Foucault historiador das ciências. É verdade que isso tinha um aspecto um tanto provocador, já que para os historiadores das ciências Foucault evidentemente não é um historiador das ciências. Ele é demasiado nietzschiano, demasiado relativista, demasiado romântico, demasiado literário, não é sério, não é profissional. Não é um “profissional da profissão”, como dizia Godard a propósito do cinema. Em suma, é um autor que não cai bem para os historiadores das ciências. Ao mesmo tempo, para os foucauldianos, essa ideia também é muito provocadora. “Foucault, o quê?!, apenas um historiador das ciências? Sendo que ele é um profeta do extremo, um teórico da liberação, um nietzschiano...”

Portanto, desse ponto de vista, essa ideia parecia-me bastante divertida. Se considerarmos que Foucault é um historiador das ciências no sentido da epistemologia histórica, sim, isso dá efetivamente certo. Ele se interessa por assuntos muito delimitados, e é verdade que seus trabalhos sobre a história da medicina e sobre a história da psiquiatria revolucionaram a história das ciências. Agora, há toda uma série de tentativas de reavaliação de Foucault: *Rewriting the History of Madness, Reassessing Foucault*, “gestação da clínica *versus* nascimento da clínica”³¹. Há uma quantidade enorme de trabalhos de historiadores das ciências que criticam Foucault, salvo que suas grandes disciplinas nasceram de Foucault. Ninguém fazia história do asilo antes dele, muito poucas pessoas se interessavam pela Escola médica de Paris antes dele³². Em todo caso, eram domínios muito especializados, que se transformaram em domínios filosóficos integrais a partir de Foucault. Portanto, eu diria que sim, *Foucault é um historiador das ciências*³³.

Por outro lado, se dissermos que ele é um historiador das ciências do ponto de vista da epistemologia histórica, não nos espantaremos que ele tenha se colocado questões acerca da história da verdade, da história das normas, da história da racionalidade etc. O famoso texto que Foucault dedica a Canguilhem, em que se interroga sobre o que é a história da racionalidade, é uma geografia dos racionalistas, ou a história das racionalidades³⁴. Isso me parece inteiramente coerente, ainda que disso

31 Ver especialmente A. Still e I. Veoldy, *Rewriting the History of Madness* (London; New York: Routledge, 1992), 225. Cf. também C. Jones e R. Porter, *Reassessing Foucault: Power, Medicine and the Body* (London; New York: Routledge, 1994).

32 No artigo “Darembert et les débuts de l'histoire de la médecine en France”, Braunstein afirma que, até a publicação de *Nascimento da Clínica*, a Escola Médica de Paris era praticamente ignorada pelos historiadores da medicina franceses. “Essas escolas”, escreveu “foi estudada sobretudo pelos autores anglo-saxões, como Erwin Ackerknecht, mais sensíveis, desde Henry Sigerist, aos aspectos sociais da história da medicina”. Ver, a esse respeito, o livro de Ackerknecht, *Medicine at the Paris Hospital (1794-1848)* (Baltimore: The Johns Hopkins Press, 1967).

33 J.-F. Braunstein, “Foucault, de l'histoire des sciences à l'épistémologie historique,” in *Foucault(s) 1984-2014*, no prelo.

34 Para um comentário a todas essas questões, ver J.-F. Braunstein, “Bachelard, Canguilhem...” in *Les*

seja preciso constantemente desconfiar. Sempre é preciso ler Foucault seja com os documentos seja com os outros historiadores, porque, tratando-se de história da medicina e de história da psiquiatria, aqueles que confiam inteiramente em Foucault enganam-se. Foucault *interpreta*. François Delaporte teve muita dificuldade para fazer a edição de *Nascimento da clínica* para a Pléiade, porque diversas referências são falsas ou não são boas³⁵. É muito complicado... Eu li uma tese interessante há alguns anos de alguém que tentou refazer a história de Pinel, do tratamento moral, sem Foucault ou fora dele. Acabou não dando inteiramente certo, mas essa ideia era efetivamente muito boa. Ou também o livro *Consoler et classifier*, de Jan Goldstein, sobre a história da psiquiatria³⁶. Trata-se de um livro muito interessante porque sua autora tenta confrontar Foucault com Gauchet e Swain para fazer uma verdadeira história da psiquiatria. O desafio está realmente nisso.

Quantos *masters*³⁷ aceitei sobre a história do asilo em que as pessoas tinham lido apenas Foucault? Eu disse aos estudantes: “não, leia também outras coisas; leia Pinel, por exemplo”. É esse o efeito perverso da glória de Foucault: não se verifica. Ora, Foucault pode se enganar. Ele pode interpretar em tal ou tal sentido. Portanto, desse ponto de vista, é interessante ver que há diversas leituras possíveis de Foucault.

T.S.A. e M.C.: *A recepção brasileira pode oferecer um claro exemplo da importância do lado historiador das ciências de Foucault: Nascimento da clínica nasceu como um clássico entre nós. Ele nos foi apresentado como uma das maiores obras de história da medicina no século XX. Como se explica, então, o que o senhor chamou, em outra ocasião, “uma surpreendente ausência de reação quando da publicação de Nascimento da clínica na França”?*

Jean-François Braunstein: Desde Daremberg, a história da medicina está morta na França. No final do século XIX, a história da medicina torna-se essencialmente filológica, acerca de Hipócrates, de Galeno etc. Com Daremberg, vemos a ideia de que não é preciso fazer filosofia, não é preciso refletir: é preciso apenas estabelecer os textos³⁸. Então, a ideia de uma história social da medicina como havia nos Estados Unidos e por toda a parte no mundo desaparece completamente na França, por diversas razões que se ligam, na minha opinião, ao ensino universitário da medicina. Nunca tivemos departamentos de história da medicina. Os primeiros historiadores reúnem-se acerca da Escola dos *Annales*. Há alguns historiadores do corpo e da saúde, mas não são historiadores da medicina. Os historiadores das mentalidades não se interessam evidentemente pela medicina; eles vão se interessar preferencialmente pela água, pelo banho, pelos curativos, pela dor. Há trabalhos muito interessantes de Jean-Pierre Peter ou de Georges Vigarello, por exemplo³⁹. Mas a história da medicina é demasiado “científica” para interessá-los. Então, de um lado, a história da medicina tradicional é interrompida e se torna filologia, com grandes especialistas em Hipócrates,

philosophes et la Science, 920-963.

35 Ver M. Foucault, *La naissance de la clinique*. Édition dirigée par François Delaporte, in *Œuvres*. Tome I. Bibliothèque de la Pléiade (Paris: Gallimard, 2015).

36 J. Goldstein, *Console and Classify: The French Psychiatric Profession in the Nineteenth Century* (Cambridge: Cambridge University Press, 1987). Para a tradução francesa, ver J. Goldstein, *Consoler et classifier: l'essor de la psychiatrie française*. Collection “Les empêcheurs de penser en rond” (Le Plessis-Robinson: Institut Synthelabo, 1997).

37 Equivalente ao quarto e ao quinto ano da formação universitária na Europa, nos quais se propõe um projeto de estudos a um orientador ou supervisor.

38 J.-F. Braunstein, “Daremberg et les débuts de l'histoire de la médecine en France,” in *Revue d'histoire des sciences*, [vol.] 58, 2, juil.-déc. (2005): 367-387. Para a tradução brasileira, ver J.-F. Braunstein, “Daremberg e os começos da história da medicina na França,” in *Da medicina às ciências humanas* (2017), no prelo.

39 Ver, por exemplo, J.-P. Peter “Linges de souffrance, texture de chair: Problèmes et stratégies du pansement,” in *Ethnologie française*, [vol.] 19, 1 (1989). 75-82.

e nada mais. De outro lado, o lugar em que a história da medicina seria mais desenvolvido é em torno dos *Annales*, mas sobretudo como uma história do corpo ou da saúde.

Nos *Annales* desenvolveu-se, no entanto, um conflito entre a história das ciências e a história das mentalidades. Há um belíssimo artigo de Yvette Conry sobre esse problema⁴⁰, no qual ela tenta defender a história das ciências contra as críticas dos historiadores das mentalidades. Entretanto, até uma época recente, isso foi muito complicado. Por exemplo, entre 2007 e 2010, Raphael Mandressi e eu dirigimos o seminário “História da medicina e dos saberes científicos sobre o corpo” na *École des hautes études en sciences sociales* (EHESS). Mandressi é um historiador da medicina, porém era a primeira vez, penso eu, que havia um seminário de história da medicina na *École des hautes études*. Houve seminários sobre história da saúde, do corpo, da sexualidade, mas a medicina é científica demais para ser um objeto para os historiadores dos *Annales*. O único grande historiador que trabalhou neste sentido é Jacques Léonard, que morreu muito cedo. Estive em contato com ele na época, já faz bastante tempo. Ele tinha se colocado essa questão em *La médecine entre les pouvoirs et les savoirs*⁴¹, no qual ele poderia ter de fato lançado alguma coisa. No entanto, ele não conheceu uma grande continuidade nessa abordagem.

Daí o fato de que ninguém lê *Nascimento da clínica*. No exterior se lê, e como um clássico da história da medicina. Basta ler as resenhas da época. Na França, é surpreendente ver que há somente uma resenha notável, a de Dagognet na *Critique*. Mas se trata de uma resenha um tanto ambivalente, já que ele reconhece a partir da “magistral *História da loucura*” o potencial de sistematização do *a priori* histórico, que implica “a fidelidade ao transcendental, assim como o desvio dos resultados do kantismo”⁴². Mas, ao mesmo tempo, ele vai perguntar a Foucault: “você ‘bateu’ forte na psiquiatria no seu livro anterior, por que você não ‘bate’ tão forte na medicina?”. Afinal, seria possível fazer uma crítica radical da medicina também. Ora, elogiar a medicina é muito menos vendável do que bater na psiquiatria. Dizer que os psiquiatras são policiais, que Pinel é um torturador e que o asilo é lugar de rejeição, o que é verdadeiro em certo sentido, isso tem muito sucesso. Dizer que Bichat e Broussais são equivalentes de Rilke e de Hölderlin, isso soa estranho. Assim, ninguém entende bem o que se passa.

É incrível que mesmo hoje os leitores de *Nascimento da clínica*, inclusive os foucauldianos, sejam uma ínfima minoria, ao passo que este é um dos mais belos livros de Foucault, penso eu, por suas mesclas de história e de literatura. É um livro muito literário. Mas quantos estudantes trabalham sobre *Nascimento da clínica*? Muito poucos, creio...

T.S.A. e M.C.: *Historiadores como Jacques Léonard ou Mirko Grmek não teriam lançado pesquisas que permanecem atuais em história da medicina na França?*

Jean-François Braunstein: Se considerarmos os trabalhos que Mirko Grmek fez sobre a edição dos manuscritos de Claude Bernard, ele se inscreve de certo modo na

40 Y. Conry, “Combats pour l’histoire des sciences : lettre ouverte aux historiens des mentalités,” in *Revue de Synthèse*, [vol.] 104 (1983/07): 363-406.

41 J. Léonard, *La médecine entre les pouvoirs et les savers: histoire intellectuelle et politique de la médecine française au XIXe siècle* (Paris: Aubier, 1981).

42 F. Dagognet, “Archéologie ou histoire de la médecine,” in *Critique*, [vol.] 21 (1965): 440.

tradição de Daremberg, aquela da história séria⁴³. Ao mesmo tempo, ele escreveu sua *Histoire du sida*⁴⁴, que é um livro fabuloso, apaixonante, entusiasmante. Mas não há tradição. Vejo uma ou duas pessoas que trabalham nessa direção, mas não muitas. Por outro lado, há, sim, tradição de Jacques Léonard, seriam pessoas como a historiadora Anne Carol. No entanto, é preciso admitir que não há história da medicina na França. Se você quiser fazer história da medicina, não haverá sequer um lugar, sequer um instituto de história da medicina. Havia uma cadeira de história da medicina na Faculdade de Medicina, aquela que era a cadeira de Daremberg, mas ela já não existe mais. Há individualidades, pessoas como Delaporte, por exemplo, que é um brilhantíssimo historiador da medicina. Ele trabalhou com médicos, sobretudo em Amiens acerca das questões sobre transplante. Ademais, sei que ele seja muito conhecido na América do Sul⁴⁵. De fato, Delaporte é efetivamente um dos verdadeiros sucessores de Canguilhem. Ele é, no entanto, um óvni: ele é um dos raros a ter feito sua tese com Foucault, em seguida ele ensinou principalmente no exterior. Ocorre que sua carreira foi um pouco marginalizada, não obstante ele seja um brilhante historiador da medicina. Logo, ele não teve ocasião de ter muitos discípulos, sucessores.

Há, portanto, algumas individualidades isoladas, mas não há escola, nem em torno de Grmek nem em torno de Léonard, nem em torno de Peter que poderia ter sido, em certo momento, um desses historiadores da medicina. Penso que sobre isso pesam questões ligadas à instituição do ensino da medicina. Para a quase totalidade dos professores franceses da medicina, a história da medicina não existe. Ela não apresenta nenhum interesse. A rigor, ela serve a aposentados que não sabem bem o que fazer. A Sociedade Francesa de História da Medicina, que me deu um prêmio há quase trinta anos⁴⁶, não é uma sociedade científica em sentido clássico. Antes, são historiadores da medicina americanos, amadores, aposentados, que se interessam por esse tipo de coisa. O que é, evidentemente, uma grande pena, pois no exterior há uma massa enorme de trabalhos, teses, pesquisas que são extremamente ricas e apaixonantes sobre a história da medicina, inclusive francesa.

T.S.A. e M.C.: *O senhor aproximou as escolas francesa e polonesa da história da medicina. Pode nos falar do ar de família entre Canguilhem e Fleck?*

Jean-François Braunstein: É verdade que Canguilhem é rapidamente reconhecido – ele tem uma cadeira –, ao passo que Fleck permanecerá sempre à margem. Mas, para além disso, há certa simultaneidade histórica interessante⁴⁷. A princípio, pelo fato de que um é vítima, enquanto judeu, da barbárie nazista, e de que o outro combate o nazismo em seu país. Mas me pareceu também que havia alguns pontos de vista comuns, principalmente em torno das relações entre ciência e sociedade, ciência e ideologia: a medicina é impelida, digamos, por demandas populares, sociais, políticas.

43 Ver M. Grmek, *Catalogue des manuscrits de Claude Bernard*. Avec la bibliographie de ses travaux imprimés et des études sur son œuvre. Édition du Collège de France (Paris: Masson, 1967). Cf. também M. Grmek, *Raisonnement expérimental et recherches toxicologiques chez Claude Bernard* (Genève; Paris: Droz, 1973).

44 M. Grmek, *Histoire du sida* (Paris: Payot, 1989).

45 F. Delaporte, *Histoire de la fièvre jaune: naissance de la médecine tropicale*. Présentation de Georges Canguilhem. Collection “Médecine et sociétés” (Paris: Payot, 1989). Esta obra foi traduzida em diversas línguas. Ver também F. Delaporte, *La maladie de Chagas: histoire d'un fléau continental* (Paris: Payot, 1999), 219. Para a edição brasileira, ver *A doença de Chagas: história de uma calamidade continental* (Ribeirão Preto: Holos, 2003).

46 Ver o discurso de recepção do prêmio da *Société française d'histoire de la médecine*: J.-F. Braunstein, “Broussais et le matérialisme,” *Histoire des sciences médicales*, [vol.] XXI, 1 (1987): 33-36. Para a tradução brasileira, ver “Broussais e o materialismo,” in *Ibid. Da medicina [...]* (2017), no prelo.

47 J.-F. Braunstein, “Deux philosophies de la médecine: Canguilhem et Fleck,” in *Philosophie et médecine. En hommage à Georges Canguilhem*, ed. A. Fagot-Largeault e C. Debru e M. Morange (Paris: Vrin, 2008), 63-80. Para a tradução brasileira, ver “Duas filosofias da medicina: Canguilhem e Fleck,” in *Ibid. Da medicina [...]* (2017), no prelo.

Há também, tanto em um quanto em outro, a ideia de uma historicidade da verdade, e a ideia de que as normas são constrangedoras. Trata-se da famosa harmonia das ilusões de que Fleck trata. As ideologias médicas de que você falava nas *Journées d'études Épistémologie Historique*, Tiago, são algo que se poderia encontrar em Fleck. Outro aspecto também é a ideia de que há um estilo de pensamento médico. Fleck desenvolve efetivamente essa ideia de estilo de pensamento acerca da medicina que o tornará célebre. Nos primeiros artigos em que fala de estilo de pensamento, ele o faz a propósito do estilo de pensamento médico. Há, portanto, segundo ele, um estilo de pensamento próprio à medicina. E em Fleck encontra-se também a ideia de que, no fundo, a filosofia da medicina é algo de radicalmente diferente da filosofia da química, da biologia, da física. Ambos têm, portanto, essa sensibilidade para a particularidade da medicina.

Em seguida, há também a importância, digamos, do não científico na ciência, o que Fleck chama *Urideen*, as ideias originais, antigas, que acabam por ter um papel relativamente positivo. Por sua vez, Canguilhem escreveu a propósito de “antigas imagens”, que tiveram, elas também, um papel positivo. Ambos os autores sempre tomam aproximadamente os mesmos exemplos: a célula, a bactéria etc. Tratam-se de velhas histórias que, entretanto, têm um papel positivo. Portanto, desse ponto de vista, não há, como em Bachelard, a crítica do papel da imaginação no começo da ciência. Ao contrário, é a ideia de que a ciência sempre começa por imagens. A ciência é sempre “impura”, de modo que seu ponto de partida nunca é a ciência verdadeira. Em Fleck, isso está dito claramente: ele coloca-se contra o Círculo de Viena, contra a ideia de uma ruptura radical entre ciência e não ciência, ciência e imagem, ciência e ideologia. E Canguilhem também julga ingênua essa ideia do Círculo de Viena, de que um dia a ciência começa. Não, a ciência não começa; ela já está sempre em germe no pré-científico. Mesmo se isso for contra a representação tradicional de Canguilhem como pensador das descontinuidades, eu diria que há, ao contrário, fortes continuidades. Por exemplo, entre a imagem do reflexo em um espelho e o conceito de reflexo há efetivamente uma continuidade. Por sua vez, Fleck pensa que germes de racionalidade já se encontram nas mais míticas das ciências. É a mesma ideia, ainda que com isso eu remonte às minhas obsessões, em Auguste Comte. A teoria da “idade teológica” em Comte é a explicação pelos deuses. Ora, é explicação, portanto, já é ciência de certa maneira. Canguilhem cita as páginas bem famosas de Comte sobre o fetichismo e sobre o espírito teológico como sendo efetivamente a compreensão de que a ciência não começa a partir do zero. Ela começa com a não ciência. De certa maneira, portanto, penso que a mesma ideia se encontre em Fleck: as velhas imagens são inspiradoras. Elas fazem existir alguma coisa. Não se pode começar a ciência a partir de nada. Ela começa sempre a partir de antigas imagens, velhas noções etc.

Outro ponto em comum entre os dois que me parecia interessante é o estilo: uma ética sem fraseados. Eles não criam uma “lábria” nem falam de qualquer maneira. O Canguilhem da Resistência jamais fala de sua resistência. Ele fala apenas de Cavallès e de uma maneira bastante conceitual, procurando dizer o que é a Resistência. Por sua vez, Fleck escreve um artigo alucinante sobre o laboratório de Auschwitz ao qual ele foi conduzido para trabalhar sobre o tifo para sobreviver⁴⁸. É um texto completamente fascinante, pois ele fala disso como se fosse interessante de um ponto de vista epistemológico, ao passo que era o fundo do inferno. Ele fala disso como uma espécie, digamos, de epistemologia aplicada. É incrível. Portanto, ambos os autores atravessam um período catastrófico, e tentam seja sobreviver seja combater sem fazer fraseados. É também o que me parecia bastante simpático nos dois. Ora, há muitas diferenças,

48 L. Fleck, “Problèmes de théorie des sciences,” *Archives de philosophie*, [vol.] 73, 4 (2010): 585-600.

evidentemente, principalmente pelo fato de que a questão da norma é, com efeito, menos presente em Fleck do que em Canguilhem. A recuperação de Fleck por Latour ou outros é efetivamente possível⁴⁹, ao passo que a de Canguilhem é impossível.

T.S.A. e M.C.: *A publicação das obras de Canguilhem nos revela a unidade de um pensamento, ou se trata na verdade – segundo a expressão do próprio Canguilhem sobre a história das ciências em Bachelard – da “edificação difícil, contrariada, retomada e retificada” de um pensamento?*

Jean-François Braunstein: Eu escolheria a segunda, é claro, mas me parece que essa obra mostra ao mesmo tempo a unidade de uma motivação, a unidade de um estado de espírito. O primeiro e talvez o segundo volume das *Œuvres complètes* de Canguilhem mostram bem que ele não faz história das ciências apenas como uma profissão ou como um *hobby*⁵⁰. Para ele, a história das ciências responde a exigências, digamos, políticas, éticas, portanto, a engajamentos fundamentais. Há coisas que são inaceitáveis para Canguilhem: a concepção determinista do meio, a reificação do homem pela psicologia e pela sociologia do trabalho. Desde o começo da trajetória de Canguilhem, é fascinante ler seus textos contra o Exército, contra a hierarquia. No Exército, ele não suporta que o soldado seja tratado como uma peça ou ferramenta. É exatamente o que ele vai dizer trinta, quarenta, cinquenta anos depois em seus textos sobre o homem no trabalho, o meio e as normas etc.

No entanto, não há unidade. Seria absurdo dizer que Canguilhem é até o fim de sua vida uma espécie de discípulo de Alain ou de Lagneau. Não é o caso, evidentemente. A prova é que ele não fala dos mesmos assuntos, não fala da mesma maneira, e que, efetivamente, ele refuta as teses de Alain, de Lagneau etc. Portanto, Canguilhem não é, como se diz algumas vezes, o filósofo do pensamento, da escola reflexiva do pensamento. Não! Em contrapartida, ele mantém o mesmo *tônus*. Penso que o termo mais bem adaptado seja o de *tônus*. Para quem o ouviu como eu ao final de sua vida pronunciar a conferência “Qu’est-ce qu’un philosophe en France aujourd’hui?” [“O que é um filósofo na França hoje?”]⁵¹, na qual ele se enervou muito violentamente contra um filósofo a serviço das empresas, ele é *tônico*, efetivamente. Ele deve ter oitenta e poucos anos, mas tem o mesmo *tônus* de quando ele se levantava contra a preparação militar na *École normale supérieure*. Então seria isso a unidade de uma obra?... Penso que não, pois há efetivamente um monte de coisas muito diversas. Trata-se de uma obra de historiador das ciências ou não, isso é uma verdadeira questão.

Segundo a tese de Camille Limoges, que é muito grande conhecedor de Canguilhem⁵², e com quem tive a oportunidade de trabalhar, Canguilhem é historiador das ciências no momento em que ele é professor de história das ciências na Sorbonne. É um pouco excessivo, talvez, mas ele tem uma verdadeira ideia. No fundo, Canguilhem apresenta-se frequentemente como um filósofo utilizando os conceitos da biologia, da medicina, com fins filosóficos ou antropológicos. A unidade será efetivamente a filosofia como sistematização e hierarquia de valores. Penso que desse ponto de vista, todavia, Canguilhem seja um filósofo. Mas não um filósofo no sentido tradicional, que ele execra tanto quanto o fazia Auguste Comte. Para ele, os filósofos

49 J.-F. Braunstein, “Thomas Kuhn lecteur de Ludwik Fleck,” 403-422.

50 G. Canguilhem, *Œuvres complètes. Écrits philosophiques et politiques (1926-1939)*. Tome I. Sous la direction de Jean-François Braunstein et Yves Schwartz (Paris: Vrin, 2012).

51 G. Canguilhem, “Qu’est-ce qu’un philosophe en France aujourd’hui ?,” *Commentaire*, [vol.] 14, 53 (1991): 107-112.

52 Ver o tomo das obras completas de Canguilhem editado por Limoges em *Œuvres complètes. Résistance, philosophie biologique et histoire des sciences (1940-1965)*. Tome IV. Textes présentés et annotés par Camille Limoges (Paris: Vrin, 2015).

que não se interessam por objetos, que não fazem o esforço de se exercer em tal ou tal disciplina científica, não são verdadeiramente filósofos. Eles são filósofos apenas se lidarem com diversos “valores”. É a ideia de que, no fundo, o trabalho do filósofo é o de sistematizar, como dizia Comte, ou de hierarquizar valores, como diria Canguilhem.

Portanto, eu diria que ele mantém a mesma inspiração, o mesmo tônus, mas também objetos que algumas vezes continuam os mesmos. E isso é fascinante. Em princípio, o conceito de meio é um conceito popular: de qual meio você vem, em qual meio você vive e trabalha? Ao mesmo tempo, há o conceito de meio em Lamarck, em Comte, em Bichat etc. É verdade que ver aparecer esse Canguilhem que chamei de “perdido”⁵³ surpreendeu muitos leitores. Mas isso me parece inteiramente coerente. É de certo modo uma descoberta que fiz graças a Limoges. Eu me dizia que antes de 1943, durante quase quarenta anos de sua vida, Canguilhem devia realmente ter feito alguma coisa, mas eu não sabia o quê. Olhando a bibliografia da edição americana, eu disse “olhe só, há muitas coisas!”. Efetivamente, penso que o som, a tonalidade de seus escritos de juventude é exatamente a mesma daqueles do fim de sua vida. Eu diria, portanto, que sim, há uma unidade de postura, praticamente em sentido corporal, mas não uma unidade de tema e de objeto.

53 J.-F. Braunstein, “A la découverte d’un Canguilhem perdu,” in *Œuvres complètes, tome I*, 101-137. Cf. também o artigo histórico no qual primeiro se detalhou em que consistia o “Canguilhem perdido”, J.-F. Braunstein, “Canguilhem avant Canguilhem”, *Revue d’histoire des sciences*, [vol.] 53, 1 (2000): 9-26.